

MARTA ANGÉLICA VIEIRA DA SILVA

A CONSOLIDAÇÃO DO AUTO-CONCEITO
NEGATIVO DA CRIANÇA NEGRA
NA ESCOLA PÚBLICA BRASILEIRA

Monografia apresentada como re-
quisito para a conclusão do curso
de Pedagogia da Universidade do
Rio de Janeiro (UNI-RIO).

94/I

Professora: Gilda B. Mendonça

Professora: Anna Rosemberg Moreira

Orientador: Prof. Dr. José Maria Coutinho

Julho/94

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Wilson Mendes da Silva e Filonila Vieira da Silva por me apoiarem, com amor e carinho.

A minha tia Maria Helena Vieira dos Santos por me dar uma confiança e me amparar na hora que mais precisei.

A minha irmã Angela Virginia Vieira da Silva por me matricular e incentivar minha formação universitária.

A meu irmão Waldir Vieira da Silva por me patrocinar xerox gratuita.

Ao professor José Maria Coutinho, por ter paciência, carinho e compreensão neste trabalho penoso, mas compensador.

A minha amiga e irmã Carmelita da Silva Azevedo que em todo o meu período escolar esteve me dando apoio, compreensão, não me deixando desistir.

Principalmente o maior agradecimento a "Deus" por me conduzir a luz da sabedoria.

SUMARIO

CAPITULO I:	INTRODUÇÃO.....	01
CAPITULO II:	REVISAO DA LITERATURA.....	05
CAPITULO III:	METODOLOGIA.....	13
CAPITULO IV:	A IDENTIDADE DA CRIANÇA NEGRA AO CHEGAR A ESCOLA.....	17
	4.1 - Origem do auto-conceito da criança negra brasileira.....	18
	4.2 - Os primeiros contatos na escola eticamente heterogênea.....	22
	4.3 - Crise e superação: o auxílio de pais e professores.....	25
CAPITULO V:	A PRESSÃO DO AMBIENTE ESCOLAR NA FORMAÇÃO DO AUTO-CONCEITO NEGATIVO.....	29
	5.1 - Desculturação e repressão ideológica.....	29
	5.2 - A linguagem da escola.....	32
	5.3 - A ideologia subjacente aos livros didáticos.....	33
	5.4 - As atitudes racistas dos professores e alunos.....	35
	5.5 - Os exames.....	37
CAPITULO VI:	A CONSOLIDAÇÃO DO AUTO-CONCEITO NEGATIVO E SUAS CONSEQUENCIAS.....	40
	6.1 - Internalização dos estereótipos.....	40
	6.2 - Inferiorização.....	44
	6.3 - O baixo rendimento e os fracassos escolares.....	45
	6.4 - As dificuldades de ascensão social.....	47
	6.5 - O fraco poder político dos negros.....	49
CAPITULO VII:	CONCLUSAO.....	51
CAPITULO VIII:	BIBLIOGRAFIA.....	55

CAPÍTULO I: INTRODUÇÃO

Nem todo brasileiro negro tem consciência do valor da negritude. O negro encontra-se nos mais baixos estratos da pirâmide social, econômica, política e cultural. A vida da maioria negra, hoje, não é muito diferente da vida escrava, já que a liberdade tão sonhada vem através do salário mínimo, e o que permite alcançar é limitado. Economicamente, são dos negros os menores salários e os trabalhos mais pesados. Politicamente, o negro continua sem voz, e sofre discriminações sociais.

Neste trabalho pretende-se examinar as variáveis intra-escolares, que contribuem para a consolidação do auto-conceito negativo da criança negra, bem como suas consequências. O estudo investiga também as origens do auto-conceito negativo na família, e seu reforço na vizinhança e na mídia, ressaltando suas consequências nefastas na conquista da cidadania.

Apesar de contribuir fortemente na formação da cultura nacional, o negro praticamente não tem acesso aos bens culturais, e é restrito pelo seu baixo nível de escolaridade.

Muitas são as razões dessa desigualdade, entre elas a herança da escravidão, o racismo onipresente, os estereótipos e estigmas de auto-conceito negativo, que o levam a não gostar de si mesmo e tentar imitar o branco. Embora muitos brancos nos dias atuais residam na favela, possuam semelhantes condições de vida, o negro é o mais desfavorável, até entre os pobres, ates-

tando essas condições com: piadas, brincadeiras, apelidos e estereótipos que reproduzem o preconceito como: "negro que se preza", "negro que mija fora do pinico", "o preto quando não suja na entrada, suja na saída". O apelido que a maioria das pessoas negras tem, é "fumaça", comparando a cor escura da fumaça com a sua cor negra.

Essas piadas refletem a estereótipos presentes na relação social e na cultura brasileira, que vê o negro sem caráter, sujo, desonesto, preguiçoso e outros, colocando o negro sempre de um lado negativo. Preconceito esse que a escola acaba reforçando através da ideologia subjacente aos livros didáticos. Segundo Nozella (1979: 13):

"As crianças submetidas a maciça enculcação dessa ideologia, não irão apenas apreendê-la, mas terão toda a sua estrutura de pensamento impregnada por ela. E tudo isso se passa numa idade em que as crianças não possuem ainda discernimento para poderem adotar, ou não, qualquer ideologia, segundo suas opções pessoais, tendo assim seus valores, seus conceitos e sua visão de mundo determinadas totalmente pela que domina".

Entretanto, as consequências do preconceito racial e do processo de europeização no ensino brasileiro não atingem apenas as crianças negras, mas afetam também a população brasileira como um todo, pois a experiência histórica, filosófica e cultural da maioria subalterna dos brasileiros é negada. Omitindo-a, distorcendo-a e menosprezando-a, o sistema educacional, além de incutir complexo de inferioridade nas crianças negras, transmite uma suposta superioridade para as crianças

brancas.

Considerando que o Brasil possui a segunda população negra no mundo, superada apenas pela Nigéria, na África, não se justifica a alienação de sua história e renúncia aos seus padrões estéticos em favor da ideologia racial da minoria branca.

Desde cedo a família começa a formação do auto-conceito negativo, procurando descaracterizar ao máximo a criança negra com atitudes e palavras que destacam o preconceito racial, internalizado pelo negro, como assim: "é pretinho, porém bonitinho", "essa cor de roupa para preto não fica bem", etc.

A criança forma sua auto-imagem adotando padrões estéticos que não condizem com o seu tipo físico e tenta se identificar com padrões de beleza e linguagem que enfatizam ainda mais o preconceito. Sempre que é mostrado na mídia, preto não passa de empregado, marginal ou palhaço. Para os vizinhos, o bem comportado são os brancos, os negros são bagunceiros que falam alto, que não obedecem, etc... Neste caso, é justamente na escola onde se dá o fortalecimento do auto-conceito negativo, através da internalização da ideologia do branqueamento do mito do "preto cordial" educado.

No decorrer desse processo de marginalização que o negro sofre, se ele não reage se questionando, tentando descobrir o porquê das coisas, acaba por envergonhar-se de sua origem e de suas características raciais, já que todo processo está contribuindo para a constatação de suas diferenças étnicas.

Este estudo é importante sob várias perspectivas. De

modo geral, o estudo busca o resgate da origem cultural do negro, valorizando não apenas sua raça e cultura, mas revelando que todas as raças tem o seu valor, sua cultura e sua origem.

Teoricamente, o estudo contribui com a discussão do fracasso escolar, investigando os fatores que prejudicam o rendimento das crianças negras, olhando a formação do auto-conceito negativo sob a visão de duas perspectivas teóricas: o darwinismo social e a estratificação social.

Praticamente visa mudar conceitos, atitudes, comportamento e ampliar horizontes do professor e da família, ao mesmo tempo que procura alertar os planejadores da educação para a presença do racismo nos livros didáticos, na linguagem inadequada e na cultura escolar.

CAPÍTULO II: REVISÃO DA LITERATURA

O objetivo deste capítulo é revisar a literatura sociológica em busca de fundamentação teórica para o estudo da origem e consolidação ao auto-conceito negativo da criança negra.

No decorrer da revisão examinaremos conceitos teóricos que embasam a análise do auto-conceito negativo entre os quais destaca-se a teoria do darwinismo social. O ponto de partida da análise será o exame crítico do uso dessa teoria para exemplificar a desigualdade racial no Brasil, que afirmava a superioridade racial de um grupo sobre o outro, pregando o confinamento dos "inferiores". O racismo assenta-se em pseudo teorias científicas em "provas" das diferenças.

Segundo Coutinho (1988: 79), inicialmente apresentada como realidade social concreta das diferenças herdadas da escravidão e do preconceito,

"a desigualdade configura-se como a resultante do processo social-darwinista em que esta imersa a sociedade humana em geral e essencialmente nos países menos desenvolvidos".

O darwinismo social baseia-se na teoria da evolução, por Charles Darwin e Alfredo Russel Wallace, que no livro "Da Origem das Espécies" (1858), anunciaram a teoria da evolução via seleção natural, ou seja, um conceito biológico, onde só sobrevive o melhor, o mais capaz, o mais apto, o mais forte.

O darwinismo social tem como base a luta pela sobrevi-

vência, que é sempre dos mais capazes, os que tem uma herança de riqueza, de produção do capital são os que fazem a seleção natural.

Um dos principais social darwinistas, o norte-americano Summer (1913: 183) assim se expressou:

"O progresso da civilização depende do processo de seleção, o qual depende, por sua vez dos trabalhos da competição irrestrita. A fundação da sociedade está na proporção homem-terra, e os homens entram em competição na conquista da natureza".

Nessa posição, Summer apoia a classificação e a desigualdade, dando base ao status, mascarando a democracia através do homem e seu trabalho, em que poucos mandam e a maioria obedece. Subtende-se assim em nome da ciência, a supremacia racial de uma raça sobre as outras, estabelecendo o confinamento e a inferioridade da raça negra.

A teoria de Darwin influenciou muito a Europa e se propagou nos países em que a civilização européia se estabeleceu.

No Brasil, a idéia darwinista já crescia à medida que a classe dominante introduzia seu racismo na colônia, entre senhores/escravos, com dominação branca e subordinação negra, usando a ideologia do branqueamento para justificar as diferenças sociais e alienar os negros de sua cultura.

Segundo Chauí (1980: 18),

"A ideologia burguesa, através de seus intelectuais, produzia ideais que confirmavam essa alienação fazendo, por exemplo, com que os homens cressem que são desiguais por natureza e por talentos, ou que são desiguais por desejo próprio".

Esta observação leva todos nós a pensarmos que não passa de um fruto do processo de exploração do homem que, em nome de tal ideologia, um grupo organizado da classe predominantemente branca desenvolve a consciência da classe dominada (o negro), camuflando o mecanismo de exploração a que são submetidos.

O brasileiro reproduziu a cultura européia em que coloca o branco como: bonito, inteligente e de habilidades diversas. Por conseguinte, o negro verificou que só perdendo a cor preta, ou seja, clareando-se pela miscigenação, seria possível o acesso aos níveis econômico e intelectual superiores.

Alguns intelectuais brasileiros como: Gilberto Freyre, Nelson Werneck Sodré e Sergio Buarque de Holanda discordaram da superioridade da raça européia e a inferioridade da raça negra. Mas outros intelectuais como: Manoel Bonfim e Oliveira Viana concordaram com a superioridade de uma raça e inferioridade de outra. Tal sentimento caracterizou as atitudes ideológicas do branqueamento no Brasil. Afinal, enquanto não se confiava ao negro investir em seu auto-melhoramento, o branco continuava à frente.

Tais concepções não ficaram sem resposta indefinidamente. Um dos estudos mais interessantes na área da psicologia educacional, o da formação do auto-conceito ou auto-imagem na criança, discorda dessas ideologias e teorias falaciosas.

Diversos autores vem se debruçando sobre o assunto de Platão e Aristóteles a Husserl que tentou explicar a relação entre a clássica dicotomia do sujeito e do objeto. Baseada na

filosofia da história e posteriormente nas premissas de Darwin, pesquisas tem revelado que a partir de três anos de idade a criança descobre o "eu" através de suas expressões diárias.

Antes mesmo de chegar à escola a criança negra já aprendeu a não aceitar a sua cor e a sua cultura, e a idealizar o que vem do mundo branco.

Trindade (1994), confirma que criança negra já traz sua experiência negativa para o colégio. Vendo que sua cor é inferiorizada, a criança negra imagina-se como se fosse da raça branca com padrões de beleza que embasam este preconceito, colocando através de desenhos de sua auto-imagem uma figura de beleza mundial, ou seja, louro, de cabelos compridos, de olhos azuis, etc...

A formação do auto-conceito não é, contudo, uma tarefa fácil para a criança. Há uma grande interferência neste processo que vem da família, do contato com os vizinhos, a mídia, a igreja, e, todas as respostas que a criança recebe para a sua indagação acerca de si mesmo e do mundo. Os assuntos incluem seus nomes, cor, parentesco, sexo, condição social, etc, que passam a fazer parte do arsenal de identidade infantil.

Segundo Vera Triumpho (1991: 29),

"Sabemos que o auto-conceito e auto-estima são elementos importantes no nosso desenvolvimento como pessoa humana e na formação da identidade".

Auto-conceito seria a idéia ou conceito que temos sobre nós mesmos. Um elevado pensamento sobre si, uma moralidade elevada. Auto-estima é a parte afetiva e como você sente sobre

voce mesmo, o julgamento que faz em si próprio. Esta pode ser positivo ou negativo.

Quanto mais positivo forem o sentimento que a criança tenha sobre si mesma, maior será a sua auto-estima e consequentemente a auto-imagem se elevará; quanto mais negativo os sentimentos que você tenha sobre si mesmo, menor será a sua auto-estima e consequentemente a auto-imagem será negativa.

Esse processo de formação do auto-conceito nem sempre transcorre sem crise e superação por parte da criança negra. Segundo Neusa Santos Souza, em "Tornar-se Negro",

"A auto-estima de qualquer pessoa pode ser melhorada: não se deve permitir que falhas passadas façam com que não avance, gerando na criança negra a falta de auto-confiança, baixa atuação distorcida de si mesma e dos outros."

A criança negra se vê muitas vezes, obrigada a incorporar conceitos de si mesma incompatíveis com sua auto-estima, que a obriga a conviver com a realidade, as circunstâncias e pessoas que a rotulam de acordo com os padrões sociais e estéticos, sexualidade e de comportamento em grupo.

Segundo Joel Rufino dos Santos, em "O que é racismo?" (1984: 74-76),

"O negro brasileiro tem vergonha do seu estereótipo e introjeta o racismo em si mesmo, mas tendo um mídia competente como jornais e revistas, rádio e televisão para se propagar o preconceito racial".

No caso, a criança negra que tem a auto-estima e o auto-conceito distorcido, nega a sua auto-imagem que fica comprometida. Porque a auto-imagem é, antes de mais nada a imagem

corporal, que não está sendo valorizada com seus fenótipos e genótipo negros. Esta rejeição causa psicologicamente uma não-aceitação de sua identidade, causando angústia e sofrimento para a criança negra.

Na concepção de Triumpho (1991: 30),

"O negro brasileiro sofre violência racista exercida pela tendência a distribuir a identidade do sujeito negro. Este, através da internalização compulsória e brutal de um ideal de Ego branco, é obrigado a formular para si um projeto identificatório incompatível com as propriedades biológicas do seu corpo. Entre o Ego e o seu ideal cria-se, então, um fosso que o sujeito negro tenta transportar às custas de sua possibilidade de felicidade, quando não de seu equilíbrio psíquico".

Souza (1983: 30) vai ainda mais longe. Para ela:

"O racismo esconde assim o seu verdadeiro rosto. Pela repressão ou persuasão, leva o sujeito negro a desejar, invejar e projetar um futuro identificatório antagônico em relação à realidade de seu corpo e de sua história étnica e pessoal".

Mas, o importante é que não devemos deixar a história distorcer a própria história, dando o valor a história africana. Como coloca Dr. Robert Carkheeff (1979: 31),

"Nós temos o potencial e no entanto, escolhemos não usá-lo. Nós temos as pessoas e no entanto nos recusamos a libertá-las. Nós temos os programas e, no entanto, ainda nos omitimos em implantá-los. Escolhemos esperar rio abaixo para retirar os copos d'água em vez de caminharmos rio acima onde eles estão sendo atirados".

Porque temos que desenvolver um trabalho de aconselhamento para o povo negro com auto-estima negativa, para que possam ver os valores que a cultura negra tem e ter um auto-res-

peito do que é ser negro, numa sociedade de branco, onde o status do negro, na maioria das vezes é inferior ao branco. E com essas características de identidade que a criança vê o negro deteriorado, estigmatizado e fragmentado, colocando sua auto-imagem como num pendular, ou ele é muito bom ou é péssimo mesmo. Com isso cria uma figura tão difundida que é aceita e dramática para o negro brasileiro.

Souza (1983) levanta uma questão da identidade negra que, a criança negra traz da família, que passa interação com a vizinhança, pela mídia e que a escola fortalece, questionando-se: Até que ponto a nossa escola efetivamente trabalha as realidades, os valores e as culturas que os seus alunos portam?

Segundo Piaget (1976: 330),

"A inteligência não principia, pois, pelo conhecimento do eu, nem pelo das coisas como tais, mas pelo da sua interação; e é orientando-se simultaneamente para os dois pólos dessa interação que a inteligência organiza o mundo, organizando-se a si mesma".

A identidade se forma pelo desenvolvimento e pela interação já existente com a assimilação e acomodação. Mas, apesar de tudo, a criança negra continua na escola. Muitas dessas crianças são obrigadas a se "enquadrar" no sistema para nele permanecer.

Segundo Schrader (1986), a escola tem sido um dos grandes mecanismos com os quais a elite branca expressa e executa as normas sociais impostas, o que é válido tanto para negros quanto para os imigrantes brancos.

A grande diferença, contudo, está no fato de que, aceitar as normas sociais pela socialização escolar é mais fácil para o branco do que para o negro. Aquele sente-se em casa, enquanto o negro estranha normas e regras, que parecem ter sido feitas para condicioná-lo, oprimi-lo, e negar sua cultura e sua identidade.

Assim, é na escola que o auto-conceito se consolida em interação com professores e outras crianças. A escola pode também desfazer as negatividades aprendidas pela criança negra em casa, na vizinhança e na mídia. Mas isso depende de professores preparados para tal, professores que não sejam racistas, e que tenham aprendido a respeitar as diferenças individuais, principalmente as diferenças raciais e étnicas.

CAPÍTULO III: METODOLOGIA

Este capítulo trata da metodologia, propondo-se a examinar o processo de formação do auto-conceito negativo da criança negra e o papel da escola.

E portanto, uma pesquisa descritiva e explicativa, baseada em dados qualitativos que, através de livros de literatura corrente, livros de referência e publicações periódicas, identificam os fatores que contribuem para a consolidação desse auto-conceito negativo dentro da instituição escolar. Serão também usados, entrevistas com grupos, instituições que trabalham diretamente com esse grupo.

Dentro do universo escolar, foram selecionadas crianças negras na faixa etária dos sete aos dez anos de idade, já que até o final dessa coorte o final desta faixa o auto-conceito negativo internalizado no seio familiar pode se consolidar. Entretanto, a amostragem foi limitada as crianças da primeira e segunda série do primeiro grau do ensino fundamental.

Os dados coletados referem-se a: formação da auto-imagem, envolvendo classe social dos pais, situação sócio-econômica, ideologia e mecanismos motivadores da adoção da auto-imagem da elite branca e a rejeição da negritude, em livros de psicologia, antropologia e sociologia.

Outros dados, focalizam as relações inter-pessoais da criança negra no seu ambiente de brincadeira e de sua vizinhan-

ça, bem como observações sobre a identidade, como se originam sua identidade étnica e socialização, os primeiros contatos na escola etnicamente heterogênea e sua superação.

Também foram coletados dados sobre os fatores intra-escolares que influenciam a consolidação do auto-conceito negativo, envolvendo a linguagem da escola, livros didáticos, exames frequentes, a relação professor-aluno, a relação aluno-aluno.

O estudo relata dados sobre a reprovação e repetência por que passa a criança da classe popular e principalmente, no caso, a criança negra.

Entre as instituições visitadas em busca de fonte de pesquisa deste trabalho encontram-se: Instituto de pesquisa e Estudo Afro-Brasileiro (INPFRO), Instituto de Pesquisa da Cultura Negra (INPC), Fundação Getúlio Vargas, Biblioteca Nacional, e outros. Muitas das informações enriquecedoras para o seu trabalho foram aí encontradas, que terá as classificações:

Descritiva: que tem como objetivo a descrição psicológica do auto-conceito negativo das crianças negras.

Explicativa: tem como preocupação identificar o auto-conceito negativo como um dos fatores da reprovação e da evasão da criança negra no ensino público brasileiro.

Dados obtidos desta pesquisa, são analisados tendo como pano de fundo as teorias do darwinismo social e da estratificação social, focalizando os mecanismos de seleção social implícitos no processo de formação da identidade da criança negra.

Os resultados são discutidos, em confronto com as im-

plicações pedagógico-sociais do racismo, procurando explorar a influência do auto-conceito negativo na conquista da cidadania.

O texto é apresentado em capítulos:

Na Introdução (capítulo I) são tratados os objetivos, a justificativa, a declaração do problema e a importância do estudo.

A Revisão da Literatura (capítulo II) aborda a conceituação e teorização, examinando a teoria do darwinismo social e refletindo sobre suas implicações para a construção do auto-conceito negativo da criança negra no Brasil.

A Metodologia (capítulo III) se preocupa em traçar o caminho a ser seguido no estudo do problema, optando pelo método dialético e pesquisa bibliográfica.

O Capítulo IV trata dos antecedentes familiares e sociais da formação da identidade da criança negra antes de chegar à escola, englobando a origem familiar do auto-conceito da criança negra brasileira, os primeiros contatos na escola etnicamente heterogênea, e a crise e superação do choque cultural na escola, e o auxílio de pais e professores.

O Capítulo V versa sobre a pressão do ambiente escolar na formação do auto conceito-negativo, envolvendo a desculturação e repressão ideológica, a linguagem da escola, a ideologia subjacente aos livros didáticos, as atitudes racistas dos professores e alunos e, os exames.

No Capítulo VI estuda-se a consolidação do auto-conceito negativo e suas consequências para a criança negra, abordan-

do a internalização dos estereótipos, o processo de inferiorização, o baixo rendimento e o fracasso escolares, as dificuldades de ascensão social e o fraco poder político dos negros.

Na conclusão, será feita uma síntese do estudo juntamente com recomendações práticas e sugestões de novas pesquisas.

Por fim será apresentada a bibliografia.

CAPÍTULO IV: A IDENTIDADE DA CRIANÇA NEGRA AO CHEGAR A ESCOLA

Este capítulo trata de um tema complexo, a formação ou construção do auto-conceito. Acredita-se ser fundamental do ponto de vista teórico, precisar seu significado, seu conceito.

O conceito de auto-conceito aqui concebido refere-se aquele composto de crença, atitude e comportamento que na perspectiva psicológica refere-se à imagem que alguém tem de si mesmo com sua classificação ou rotulação de acordo com padrões sócio-culturais (ideologia, inclusive) explícitos ou subjacentes. Corresponde à idéia que alguém tem de si mesmo e, sob um juízo de valor, em geral maniqueísta, acaba dividindo o indivíduo de muitas formas, tornando-o satisfeito ou insatisfeito consigo mesmo.

No Brasil, o conceito que os negros tem de si mesmos e, em verdade uma negação de si mesmos, já que a elite branca menospreza os povos africanos do Brasil e seus descendentes, conceituando-os como membros de uma raça inferior, incapaz de cultura e civilização. Entretanto, sua importância numérica no conjunto da população, sua presença e seu papel histórico na construção da nação justificam sobremaneira o enfoque do racismo sobre as populações e principalmente a criança negra.

4.1 = ORIGEM DO AUTO-CONCEITO DA CRIANÇA NEGRA BRASILEIRA

Na sociedade de classe as relações ideológicas apresentam-se com relação de poder já que a classe dominante procura sufocar nas outras a consciência de seus próprios interesses.

Segundo Mello (1985) coloca, o estado tem o papel de institucionalizar a ideologia da classe dominante de modo a assegurar a sua denominação sobre as demais classes e para fazê-lo, utiliza tanto a violência física quanto a dominação ideológica. Mas a penetração dessa ideologia nas instituições sociais como na igreja, escola, repartições, empresas, sindicatos, família, mídia e outros continua sendo massificante.

Quando se diz que no Brasil não existe racismo, e sim um preconceito de cor, mais uma vez está se tentando camuflar o racismo brasileiro; reduzindo-o a um juízo prévio, a uma ausência de um real conhecimento do outro que seria superado através da aproximação social.

Na colocação de Foucault (1979) uma das formas de racismo percebidas manifesta-se na formação da identidade da criança negra. sua socialização afasta-a de sua própria cultura, desorganiza seu processo psicológico e sua história de vida, carregada de rejeição, que não lhe permite assumir seu ser para si, assumindo-o para o outro, o branco.

Em geral as crianças negras negam a cor da pele, não identificam-se como tal. A construção do seu "eu" é carregado de conflitos e contradições.

Em uma entrevista feita à professora Azoilda Trindade (1994), esta relatou que a imagem que a criança constitui de si mesma choca-se com a imagem que a mídia impõe como padrão de beleza. As crianças negras por ela estudadas foram questionadas sobre a cor da pele e, declararam-se morenas ou morena clara ou morena escura. Afirmaram gostar da própria aparência, mas, ao serem indagadas a respeito da imagem física ideal a resposta adequava-se ao ideal de beleza branca; "A minha professora é branca de olhos verdes com cabelo liso e loiro, ela é muito bonita". Quando o menino foi questionado de como é sua professora, a verdade veio a tona, verificou-se que sua professora é negra com genótipo e fenótipo da raça africana.

Do ponto de vista psicanalítico, identidade é a percepção que o indivíduo tem de si mesmo, tudo que faz ou diz para indicar o outro e a si mesmo diferenciando-se. Como foi enfatizado por Pereira (1987), identidade, assim, é algo contextual, ligado aos valores e realidade vivida por cada um em particular.

No processo de individualização, o indivíduo toma consciência e apropria-se de seu próprio eu, assume para si e mantém autonomia em face aos valores dominantes.

Reafirmando o que foi comentado, Luiz (1989) coloca que o processo de individualização está ligado a percepção da própria imagem. Inicialmente, a criança se vê como o outro no espelho e só posteriormente reconhece sua própria imagem constituindo o seu próprio "eu". O estágio seguinte é a identifica-

ção simbólica através da linguagem negando a sua auto-imagem, a consciência através da linguagem negando sua auto-estima, a consciência de ser negada é anulada.

A criança negra tem dificuldade de assumir seu corpo e geralmente mostra-se intimidada, apresentando uma postura de quem tem "culpa" por ser diferente, transferindo para outras pessoas problemas que lhe são próprios, ou incorporando problemas que não são seus. Talvez, possamos afirmar de uma forma um tanto esquematizado que todos os grupos se interagem.

Partindo da manipulação do poder, esta interação constrói um sistema de relações sociais e vai progressivamente formando a identidade da criança que tem, como seu primeiro grupo social, a família.

O início do auto-conceito negativo começa na própria família, de quem recebe críticas negativas em relação à sua pele escura, cabelo encarapinhado, nariz deitado, lábios grossos, aos quais se refere com admoestações, conselhos, e também ironias e deboche expressos piadas sobre o negro, apelidos, estereótipos, músicas populares como: "nega do cabelo duro, qual é o pente que te penteia".

A família negra muitas vezes, não estruturada com a presença de pai e mãe, não oferece à criança um referencial para a sua formação. Sem a presença do pai, que está sub-empregado ou desempregado, às vezes fugindo da responsabilidade, a mãe se vê na obrigação de ter a dupla responsabilidade, submetendo-se a baixos salários ou pequenos "biscates", como empregada,

sendo obrigada a morar em favelas. Favela esta, em que o preconceito impera por saber que todos estão na mesma condição econômica e o que eleva o social é a cor da pele.

Num estudo realizado numa favela carioca, Figueira (1991) demonstrou o preconceito racial e o auto-conceito negativo que seus moradores, maioria negra, tem de si mesmos. Numa tabela em que exprimem qualidades socialmente negativas segundo a cor da pele, esse auto-conceito negativo é destacado.

TABELA 1

- PREFERENCIAS E QUALIDADES NA FAVELA -

Qualidade positiva	Preferência p/ Branco %	Qualidade negativa	Preferência p/ Negro %
Amigo	76,2	Burro	82,1
Simpático	50,0	Feio	90,3
Estudioso	75,3	Porco	84,4
Inteligente	81,4	Grande ladrão	60,6
Bonito	95,0	Pequeno ladrão	79,6
Rico	96,4		

A tabela nos mostra como são gritantes as porcentagens atribuídas aos itens beleza (95%), riqueza e inteligência. Em contraposição, encontram-se as porcentagens dadas ao feio (90,3%), ao porco e ao burro. Tais tendências estão fixadas no inconsciente de inferioridade do negro e superioridade do branco, o qual detém qualidades aceitas socialmente, enquanto ao negro, essas são negadas e as características que possui são marginalizadas pela sociedade.

Segundo Pereira (1987), essa relação de atributos de beleza "branca" é costumeiramente incluída, desde o tradicional grupo de formadores de opinião, como a igreja e a escola, até a mídia (TV, cinema, rádio, revista, jornal, etc), que é o mais moderno mecanismo de influência e molde de opiniões, para o uso da manipulação da identidade. Tais mecanismos estão presentes tanto em casa quanto na rua.

Enquanto não procurar resgatar seus valores e colocá-los em expressões positivas da cultura nacional dando-lhes visibilidade histórica com representações não mais estereotipadamente negativa de negro e o combate sistemático dos estigmas que discriminam um grupo contra o outro, o negro e seus descendentes continuarão internalizando um auto-conceito negativo, que os fazem rejeitar a si e sua cultura e introjetar a cultura branca.

4.2 - OS PRIMEIROS CONTATOS NA ESCOLA ETNICAMENTE HETEROGENEA

Não é tarefa fácil encontrar as formas pelas quais se manifesta o racismo numa escola pública de primeiro grau no Rio de Janeiro, pois elas não são claras e explícitas na maioria das vezes. Elas inserem-se numa estrutura ideológica que já atingiu o senso comum e situam-se num nível de poder muito complexo e invisível, aquele que se dá através do envolvimento das pessoas.

O racismo encontra-se no ambiente escolar, estabelecen-

do uma relação de poder. Tanto o nível de discusso que apresenta um tipo de saber e nega o outro, quanto o nível das relações sociais, em que quanto mais ceto o círculo de poder, menos expressiva é a presença do negro.

Segundo Nascimento (1991: 32) que aborda o preconceito mais claramente:

"O preconceito racial fica mais explícito quando analisado em termos de sua consistência, isto é, quando visto como um sistema ideológico e, nesse caso, como um todo concatenado sequencial e fechado".

Neste sentido a ideologia está ligada ao "saber científico" com embasamento do darwinismo, substitui o preconceito racial, com o poder econômico, colocando o negro em posição social inferior.

A instituição escolar reproduz em seu pequeno mundo a estrutura social de relações que brancos e negros tem dentro da sociedade brasileira, como do saber, da linguagem, do comportamento, uma relação assimétrica entre os dois grupos, um de dominação e o outro de subordinação.

Segundo Pereira (1987: 44),

"A mensagem que a escola transmite, reflete, sem maiores críticas, toda a estereotípia que circula na sociedade brasileira, desde que o negro aqui chegou e através da qual se constrói a imagem estigmatizada do negro até os dias atuais".

E ela quem transmite, a partir de sua vivência e seu preparo para com o racismo, e é aí que se percebe em que medida a escola está preparada. São poucas as escolas preparadas para tal, como também são poucos professores preparados para lidar

com a questão racial.

A violência simbólica é exercida tanto pelo professor como na instituição escolar. Na visão de Foucault (1978: 8-175),

"O poder não se dá, não se troca, nem se retoma, mas se exerce, só existe em ação (...) o que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma o saber, produz discursos. Deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir".

O professor tem autoridade e mesmo sendo bondoso traz consigo o sinal da repressão e o conceito de autoridade baseia-se no respeito, obediência, passividade e o não-diálogo. Para o professor, o aluno que quer desempenhar bem o seu papel, na concepção de Nosella (1979: 65), precisa

"Ser bom, obediente, estudiosos e respeitoso diante dessa autoridade, pois estes são os comportamentos conveniente, exigidos por uma sociedade repressiva como esta em que se vive".

Em seu contato em sala de aula, a criança negra tem dois comportamentos. O primeiro, é de silêncio, alheio à aula, procurando sentar-se junto a janela ou perto da porta, demonstrando falta de interesse na aula e a sua identificação com o ensino, ao qual é obrigado a se adaptar. O segundo comportamento é de "palhaço" ou "violento", quando não faz gracinha para os colegas, é agressivo, de bater, xingar e perseguir os colegas. Tudo para chamar a atenção sobre si. Mas, a atitude é considerada pelos professores como falta de atenção, de inte-

resse e incapacidade para o estudo. Logo classificam que as crianças portadoras do comportamento mencionado identificam-se como "feia" ou "burra".

Na visão de Cury (1985), o principal motivo do comportamento "negativo" é atribuído por eles como uma forma de conquistar a amizade e o carinho dos colegas, que o mais importante é ser respeitado e ter o afeto dos colegas negros e brancos.

Muitas vezes, a atitude dos colegas de pele clara para com os colegas de pele escura é de colocar apelidos, rejeitando nas equipes, considerando "burros", mal-cheirosos e desonestos.

E nesse primeiro contato que a criança tem com a instituição já demonstra o quanto ela vai ter que trabalhar o seu interior para poder "adaptar-se" ao seu enquadramento. Isso implica em auto-rejeição, imitação, aculturação e assimilação.

Assim, os primeiros contatos escolares que contribuirão na construção da identidade infantil, tornam-se momentos cruciais definidores do auto-conceito negativo, pois o que é introjetado no turbulento início nem sempre é liberado ou superado mais tarde. Já no processo de superação das frustrações iniciais nem tudo que entrou será apagado, a criança negra manterá uma tendência à auto-negação que o perseguirá por toda a vida.

4.3 - CRISE E SUPERAÇÃO: O AUXÍLIO DE PAIS E PROFESSORES

A socialização que a criança negra experimenta na esco-

la está muito relacionada com a internalização e aceitação da ideologia da classe dominante. Como comenta Pereira (1987: 43),

"A escola, longe de ser igualitária, estimula, através de contato diário e primário, a reprodução desse sistema desigual, a ponto de alunos negros mais sensíveis se recusarem a ir à escola para assim evitar situações constrangedoras e humilhações para as quais não têm resposta".

A maioria das vezes, os pais não sabem enfrentar situações em que o racismo está presente, a não ser naquelas em que a situação se mostre insuportável. A outra é a falta de preparo dos professores que, às vezes, trazem em sua bagagem o racismo impregnado.

Até os meios de comunicação com alta tecnologia, passam o racismo e, limitam-se a reproduzir uma realidade já existente, lançando pequenas propostas para modificá-la, como atualmente em algumas novelas.

A maioria das crianças negras pertencem às camadas mais carentes da população nacional, por ser economicamente desfavorecida, é obrigada a se moldar a um sistema de ensino que não se integra em seu modo de vida. Caso não se "enquadre", a criança negra evade-se ou repete sistematicamente o ano letivo.

A crise escolar é superada com o auxílio de amigos, pais e professores. No processo de superação, costumam ocorrer duas situações: acomodação e auto-afirmação. No caso da acomodação, ocorre a internalização dos padrões de beleza, normas sociais e auto-rejeição da própria raça, devido à necessidade

de sobrevivência no sistema e de mobilidade social. Já a auto-afirmação caracteriza-se pela valorização da cultura negra, o que resulta em choque cultural, em que ele vence e se destaca ou perde e é reprovado, repete, acabando por evadir-se da escola. Daí para a marginalidade, pode ser uma questão de tempo.

Por isso, o grosso das crianças negras em idade pré-escolar, ficam à margem dessa educação por questão de não se "identificar" na escola.

Segundo Rosemberg (1987: 22),

"Enquanto não assumirmos, teórica e praticamente a questão das desigualdades raciais na sociedade em geral, e no sistema de ensino em particular, dificilmente teremos condições de diminuir significativamente as taxas de repetência e exclusão escolar".

Dentro dessa ideologia e dessa política assimilacionista a serviço do Estado, o que não é necessariamente do povo, todo o mecanismo responsável pelo processo de alfabetização espontânea e sistemática, deverão compor obrigatoriamente as peças de um máquina encarregada de fabricar acima de tudo, a identidade abrangente e hegemônica, que é a identidade branca do brasileiro, sem adjetivos étnicos.

Por fim, a visão do auto-conceito nos permite, sobretudo trabalhar para o resgate, a reconstrução e a valorização da identidade coletiva, recusada e classificada como negra (ou mestiça) pela sociedade eurocentrista.

Para Nascimento (1991: 18),

"Essa identidade africana é uma das

matrizes básicas da identidade e da cultura nacional brasileira, sua reconstrução e reapropriação pela consciência coletiva do País, constituem uma primeira medida para a construção de uma sociedade democrática, pluralista e afirmativa de sua própria natureza".

CAPITULO V: A PRESSAO DO AMBIENTE ESCOLAR NA FORMAÇÃO DO AUTO- CONCEITO NEGATIVO

Neste capítulo pretende-se identificar os fatores que contribuem para a formação do auto-conceito negativo das crianças negras.

A pressão do ambiente aqui enfocado, refere-se a sua formação, o que nos leva a supor a existência de uma "forma", ou "enquadramento" que a criança negra é obrigada a passar para permanecer no sistema escolar, abandonando modos de comportamento, cultura e história que seus antecedentes africanos exaltaram. A formação de seu auto-conceito negativo passa por diversas etapas.

5.1 - DESCULTURAÇÃO E REPRESSÃO IDEOLÓGICA

A escola ao cumprir sua função de instrumento de dominação ideológica, demonstra que está a serviço da classe dominante, cometendo atos de violência simbólica, como Nosella nos mostra (1978: 27):

"A violência simbólica reside no fato de se veicular, por meio do aparelho escolar e, principalmente na rede de ensino de primeiro grau oficial, onde a maioria da clientela pertence à classe proletariada, uma visão de mundo da classe dominante, como sendo a única verdadeira. Sugerindo, ainda, que outras visões de mundo são inferiores, anticulturais".

A preocupação com o papel da escola e das suas funções junto ao alunado provocaram investigações que levaram a diversas conclusões sobre o enfoque em questão.

No entanto, essas conclusões parecem dividir-se em duas opiniões. Uma que expressa o caráter reprodutor da escola como veiculadora de valores e ideologia das classes dominantes. Outra que vê esse papel e função da escola de agente conservador, mas ao mesmo tempo, negando o imobilismo e incapacidade de reelaboração ao saber do aluno, vê também como um espaço onde a partir do conflito e da reflexão, poderão desenvolver capacidades reflexivas e criativas, bem como habilidades e atitudes organizativas de cunho transformador na realidade social.

Mas, o que realmente acontece é no primeiro caso, em que a classe dominante vê a classe dominada como agente impeditivo da elaboração da sua própria visão de mundo a partir dos seus próprios interesses e condições de existência.

Assim, Nosella (1978) vê o aparelho escolar, como um dos principais agentes de veiculação da ideologia do dominador, devido a eficácia na inculcação dessa ideologia. Ela diz que o aparelho escolar ao desempenhar sua função de inculcação da ideologia da classe dominante (passada como sendo universal) fornece uma visão de mundo em que a estruturação da sociedade em classes e a exploração das classes subalternas pelas elites dominantes tornam-se naturais.

Além de expandir essa ideologia racista através de conteúdos sistematizados, cujo significado corresponde a uma de-

terminada maneira de perceber a realidade, Rego (1976) coloca a escola como desenvolvedora de determinadas atitudes e habilidades que concorrem mais para o conformismo e a submissão do que para a criatividade e a reflexão.

A escola desde sua fase inicial prepara a criança negra para o conformismo e a aceitação tácita, e dificilmente oportuniza condições para o seu desenvolvimento pleno e participativo. Por isso, ao invés de formar um aluno crítico e criador, a escola estabelece um modelo de aluno respeitador como submisso, ordeiro.

Segundo Durand (1978), esse padrão imposto não considera as diferenças individuais e as situações específicas dos alunos, tais como as diferenças de situações econômica e culturais, que exercem considerável influência no desempenho do aluno na escola.

Na sociedade brasileira a maioria dos oprimidos é representada pelo negro e mestiço. Por isso a ideologia do dominador veicula uma carga de inferiorizante sobre esse segmento objetivando fragmentar sua identidade, sua auto-estima e capacidade de organização. Para tanto, utiliza o mito da "democracia racial", como uma ideologia do embranquecimento.

Porém o negro branqueando, vai destituindo-se de sua identidade.

9.2 - A LINGUAGEM DA ESCOLA

A escola é um segundo lar. A descrição desta instituição social é exatamente ao contrário da realidade. Ela é um lugar onde as condições sociais e econômicas dos alunos tem a maior importância, onde a discriminação social é sempre enfatizada. A escola reflete as contradições sociais.

A escola baseia-se num modelo autoritário e repressivo, onde a comunicação é unidirecional.

Segundo Lopes (1987),

"A sociedade brasileira desconhece, através de seus discursos institucionais a existência e a força de uma cultura negra - sistema simbólico, com regras próprias, de caráter erudito e popular capaz de responder pela identidade histórica do homem negro no Brasil".

A linguagem do aluno negro comum no seu dia-a-dia não se adapta a linguagem da escola que é uma linguagem rebuscada, e de difícil entendimento para as crianças pobres.

No ponto de vista de Cardoso (1962), a educação ensinada em nossa escola passa a ideologia do sistema dominante através da linguagem padronizada, que divide o negro e o branco, imobilizando certas camadas e gerando o complexo de inferioridade na "gíria". Ao invés de mostrar as variações linguísticas, na escola a linguagem não-padronizada é mostrada de forma marginal, como linguagem não adequada.

A linguagem da criança negra é a não-padronizada. Ela, ao chegar à escola não entende o que o professor fala ou pede

para que faça, tornando difícil a comunicação entre professor-aluno. Não tendo esse diálogo a criança sente-se culpada e rejeitada pelo professor, não querendo nem questionar coisas que poderiam ser melhor explicadas ou colocando de modo mais fácil para a sua compreensão.

5.3 - A IDEOLOGIA SUBJACENTE AOS LIVROS DIDATICOS

Os veículos do mito e da ideologia da democracia racial são os aparelhos ideológicos do Estado. Entre esses aparelhos, a escola e seus materiais pedagógicos têm um papel fundamental na reprodução ideológica e na inculcação da inferiorização nos segmentos oprimidos, especificamente a criança negra.

Entre os materiais pedagógicos utilizados pela escola, sobressai-se pela importância que lhe é conferida pelos pais, alunos e professores, o livro didático, considerando-o depositador da verdade, a memória conservadora das civilizações.

Contudo, muitos processos civilizatórios, muitas visões de realidade são distorcidas e omitidas por esses livros, que veiculam na maioria das vezes, apenas a visão de mundo e o processo civilizatório do opressor.

Segundo Rocha (1986: 16),

"Os livros didáticos em função mesmo do seu destino e da sua natureza, carregam um valor de autoridade, ocupam um lugar de supostos donos da verdade. Sua informação obtem esse valor de verdade pelo simples fato de que quem sabe o seu conteúdo passa nas provas. Nesse sentido seu saber tende

a ser visto como algo rigoroso, sério e científico".

No reforço do que o livro causa na criança negra, Negrão (1987: 87) enfatiza que:

"Podemos observar no livro didático a veiculação de discriminações, preconceitos e estereótipos em relação ao negro, capazes de concorrer para a inferiorização, fracionamento da identidade e da auto-estima das crianças negras, que o utilizam em busca do conhecimento".

Ainda Negrão coloca que a discriminação contra o negro no livro didático se faz pelo escamoteamento da sua história, bem como pelo alijamento do cotidiano e da experiência da criança negra no ato de criação dos personagens e do enredo da literatura didática e para-didática.

A identificação da criança negra com a mensagem expressa no texto concorre para a aceitação do conteúdo dessa mensagem, resultando numa dissociação de sua identidade individual e social de introjeção da imagem pessoal e social imposta pelo livro.

"O processo psíquico de identificação é muito mais forte na criança que no adulto. Os papéis propostos pelos personagens são vividos pela imaginação da criança como se fossem um drama real, fundindo-se leitor e texto, fortalecendo assim a possibilidade de impressões sobre sua consciência dos moldes de comportamento aí apresentados".

(Avenbuck, 1983: 13)

Por sua vez, o tratamento dispensado ao negro, especificamente às crianças negras, no livro didático, nas relações sociais, aparecem de forma explícita, e uma evidente confirmação da aceitação de que esse tratamento é "natural" para esses se-

res considerados inferiores.

Foi descrito explicitamente como feio, malvado, guloso, sujo, mentiroso, moleque, preguiçoso, desonesto, desobediente, demônio ou denominado pela cor de pele, inferiorizando ainda mais.

A leitura pode constituir-se em instrumento de opressão ou de libertação, conforme o uso e prática do leitor exercitada. O melhor seria utilizar o livro como um instrumento de desenvolvimento da consciência crítica e não como um transmissor de "verdades" eternas. É uma questão a ser refletida por todos nós.

5.4 - AS ATITUDES RACISTAS DOS PROFESSORES E ALUNOS

Ao que tudo indica, o professor, como autoridade da sala, transmite uma visão de mundo branco, negando a pluralidade e diversidade de cultura. Pergunta-se, então, como ter uma identidade definida se para fazer parte do corpo social, o negro precisa ser branco? Como é difícil para a criança negra construir uma auto-imagem afirmativa, diferenciando-se do outro de modo a desenvolver seu processo de individualização. Crianças entrevistadas pela professora Azóida Trindade (1994) declararam que

"Eles pensam que sou preto e roubo, pensam que preto é ruim e não sabe estudar".

Essa representação distorcida e estática que alguns

professores carregam consigo, contritui para a introjeção da inferiorização, evidenciada através da auto-rejeição e desejo de branqueamento da criança negra, bem como inculcação do complexo de superioridade e do desrespeito a elas por parte das crianças pertencentes a outra etnia.

A ideologia apresenta situações que impõem uma aproximação ao modelo colocado como positivo e perfeito.

Se a pele negra é associada ao feio e sujo, ou negro = pobre. Com essas qualidades alguns professores analisam seus alunos.

Alguns professores colocam apelidos de animais nas crianças negras que os colegas apontam e ridiculariza ainda mais a criança, como expresso nesse diálogo entre mãe e filho:

- " - Mãe, eu não quero voltar a escola.
- Por que meu filho?
- A professora já me chamava de mico, que eu pagava mico na sala, agora quer me chamar de burro também! Há, é demais!"

Professores mal preparados enfatizam mais o preconceito, muitas colocam a cor negra como castigo e que deve ser rejeitado, não dando atenção ou negando a sua existência na sala de aula.

É preciso que o professor procure conhecer o mundo dos seus alunos, porque é através do conhecimento dele, que será possível compreender e educar esse aluno, aproveitando e respeitando o conhecimento útil que ele traz consigo.

O professor foi preparado para ensinar o aluno ideal que quase não existe na escola pública e coloca em prática tudo

que aprendeu, mesmo não tendo o aluno ideal, conseguindo distanciar a criança pobre do universo escolar.

A percepção que a professora têm de seu alunado negro é que são filhos de pais bêbados, de pais desempregados, de famílias incompletas, que os meninos vêm sujos para a escola, que não prestam atenção, etc

Uma definição da situação - eu percebo meus alunos como não-educáveis, porque vêm de família carente, com problemas de alimentação, moradia, familiares problemáticos, etc.

5.5 - OS EXAMES

Os exames são algo constante na vida da criança negra desde já no processo da matrícula, que visa selecionar a clientela de maneira homogênea, definindo "a priori" o seu perfil. Algumas escolas especializam-se em crianças de classe baixa, outras em crianças de classe média. No Rio de Janeiro, nas áreas heterogêneas da cidade, esta seleção é percebida mesmo em escolas próximas umas das outras. Quando uma escola recebe a clientela heterogênea trata de homogeneizá-la de duas formas: pelo turno ou pela turma. Este mecanismo de seleção que se faz através de exames, permite à instituição sobretudo à classe média, defender seu "status" e desempenho, recusando ou marginalizando a criança negra e pobre. Esses alunos são, em sua maioria mandados para outra escola que também fará exames para qualificá-los, mesmo que a escola não tenha equipamento adequa-

do, com o corpo docente enfraquecido e despreparado, com precária instalação física, ou seja, uma escola carente.

Os exames são a base e a trajetória da vida da criança negra. Concorre significativamente para a inculcação da inferioridade do negro e demais segmentos oprimidos da sociedade. Colocando-o como incapaz, não tendo talento, nem inteligência, etc.

Segundo Rocha (1986: 6),

"Os estudantes são testados via de regra, em face do seu conteúdo, o que faz com que as informações nele contidas acabem se fixando no fundo da memória de todos nós".

Para nós o exame é uma credencial extremamente importante até para conseguir emprego. Os exames funcionam mais como recomendação de boa conduta, ou se adquiriu a procedência que a classe dominante acha adequada, que desempenhe bem a função. Mas, acima de tudo, o exame vem para classificar minuciosamente e forjar o racismo que está embutido nele.

Muitas crianças fracassam nos exames por não terem nada a ver com o seu dia-a-dia. E como se fosse uma outra linguagem ou outra sociedade que não quer o seu acesso lá, fechando a porta através de exames.

Segundo Santos (1990), através desse mecanismo darwinista é feita a seleção social natural, dos mais capazes, onde só se observa o ponto de chegada. Mas o ponto de partida, onde alguns tem bagagem para chegar, outros não têm, não é visto quando se faz um exame.

O professor como o selecionador exerce todo o seu poder

em eliminar o que não condiz com seu perfil de aluno "padrão", é reprovado, quando não diversas vezes acaba sendo "obrigado" a evadir-se da escola.

Assim, a criança negra sofre com provas e exames a vida toda, porque a criança é testada constantemente e encorajada a desistir, frequentemente colocando a culpa na sua baixa capacidade e, camuflando preconceitos de cor e de raça com a desculpa de ser apenas uma questão histórico-social ou sócio-econômica.

CAPÍTULO VI: A CONSOLIDAÇÃO DO AUTO-CONCEITO NEGATIVO E SUAS CONSEQUÊNCIAS

O objetivo deste capítulo é salientar os pontos em que a consolidação do auto-conceito negativo afetam mais a criança negra.

A criança negra tendo internalizado o preconceito racial em suas atitudes, negando muitas vezes a sua cultura de origem e não se identificando com a cultura que se diz "universal", sofre baixa no seu rendimento e se considera incapaz de ascender socialmente, julgando-se incompleta para o exercício de sua cidadania.

6.1 - INTERNALIZAÇÃO DOS ESTEREOTIPOS

Na sociedade brasileira, a família, a Igreja, a mídia e a escola veiculam uma ideologia que concorre para a consolidação do complexo de inferioridade da criança negra, promovendo a auto-rejeição e a rejeição de outros negros.

Essa ideologia representa a "realidade" da sociedade oficial que discrimina o segmento populacional negro, tentando representá-lo de forma cristalizada e distorcida, uma vez que o apresenta explicitamente com características físicas e atitudes não-humanas, assemelhando-o a animais e desempenhando papéis e funções sociais consideradas inferiores.

"Muitos deles não sabem identificar a sua cor ou não assumem, e apontam os padrões brancos de beleza como ideais".

(Jornal do Brasil - 23.08.91)

"Este é o genocídio étnico e cultural, ideal da ideologia da inferiorização e branqueamento".

Segundo Santos (1984) o negro submetido a adaptar-se a ideologia é afastado das raízes, branqueia-se para ser aceito, rejeita sua diferença traduzido como inferioridade para ser "igual", porque a sociedade rejeita tudo que é novo e diferente.

Porém, o negro branqueado, destituído da sua identidade, continua discriminado por ser negro. E tolerado, mas não aceito. E tolerado porque passa a ser um negro que não representa perigo, uma vez que foi "amansado" ou "enquadrado", foi destituído da sua diferença. Visto anteriormente como algo perigoso em uma sociedade massificadora, não é contudo, considerado na sociedade branca como um igual por causa da cor da pele.

A auto-rejeição e rejeição a outro negro, é também classificado pelo branco como prova do racismo do negro contra sua própria raça. Na colocação de Lopes (1987), evidencia-se o processo de deslocamento ou seja, da substituição do agente do processo pelo seu objeto. O negro introjeta o racismo, contra sua própria etnia, porque é vítima de um processo de interiorização ideológica sistemática, expandido pelas instituições e meios de comunicação, e passa a ser apontado pelo branco como agente desse processo.

Nas conversas do dia-a-dia, evidencia-se o fato do negro manifestando o preconceito contra outro negro, sendo o "bode expiatório" do processo do qual é vítima.

"- Mas você vê que é o próprio negro quem faz o racismo".

"- Negro não gosta de outro negro".

"- Homem negro quando tem dinheiro ou fortuna, se casa com mulher branca para 'limpar a raça'".

"- Branco correndo na rua é atleta, preto é ladrão".

"- Preto só é gente quando está no banheiro, os outros batem na porta e ele responde: tem gente".

"- Aquele é um negro de alma branca".

Há ainda os apelidos que são constantes e caracterizam a cor escura da pele com qualquer coisa, animal preto, ou como "fumaça", "mico", etc.

Na visão de Nosella (1978), o processo de internalização ideológica não é percebido pela maioria das crianças que sofrem os seus efeitos, bem como por aqueles que são seus professores, devido à forma frequentemente sutil e subliminar de sua expansão e introjeção.

Por outro lado, o aluno e o professor são seres passivos, amorfos, incapazes de reelaborar o conhecimento adquirido, seja pelo papel que pode ter a escola de oportunizar a reflexão e reavaliação dos conteúdos, seja pela experiência sócio-cultural adquirida fora da escola.

Por isso é preciso salientar que o auto-conceito nega-

tivo que a criança negra tem, esta sendo introjetado em cada uma, a cada dia e a cada instante, através dos meios de comunicação de massa e inclusive da escola, que reafirma todo esse preconceito sobre as crianças demonstrando frequentemente a sua "incapacidade" de aculturar-se.

Caberia então, inventar a hipótese de que o professor percebe o processo de inferiorização veiculado nos livros e se cala, para garantir as oportunidades obtidas para si, resultantes da exclusão do negro na sociedade através desse processo seletivo.

A criança negra oriunda das classes populares, traz para a escola a contribuição cultural negra, expandida na sua comunidade através da religião e grupo cultural causando conflito e resistência à ideologia inferiorizante, que coloca toda essa cultura como não-pertencente a própria cultura, colocando a margem da sociedade.

Também omite a contribuição histórica com a presença da maioria negra no enriquecimento do País.

Quando a criança negra se acomoda e introjeta estereótipos preconceituosos, passa a dar qualidades de beleza que não condizem com as suas, a ter uma visão do sub-emprego, a saber que quem tem prestígio e poder não é o negro, e principalmente, nega o próprio negro, que tenha um pouco mais de prestígio econômico.

Quando o negro nega a sua origem, já está enquadrado na ideologia da classe dominante e rejeita a linguagem negra, que

coloca como gíria, a cor da pele, que identifica como morena, a liberdade que pode mostrá-lo como mal-educado, não sabe se portar, etc.

Esses estereótipos que a ideologia introjetou no negro, visam a submissão do negro em relação ao branco.

Essa perda de identidade da criança negra se dá quando ela é obrigada a assumir o ideal da ideologia da classe dominante, se perdendo e se inferiorizando, passando a não aceitar a cultura negra, e a tentar se identificar com a branca.

Segundo Nosella (1978), o branco é representante da humanidade e da cidadania. O negro é o representante da marginalidade, da desumanização e o que passa na ideologia dos livros didáticos é com o que a criança se identifica.

Com isso, qual a criança que vai querer ser negra? Qual criança que vai querer se identificar com o negro?

6.2 - INFERIORIZAÇÃO

A intenção de negar a humanidade negra a sua identidade, inferiorizando-a, representando-a, caricatuando-a, deformando-a e assemelhando-a a seres destrutivos e sujos, aparece na forma como o negro é descrito e ilustrado, associando-o a animais, como o macaco e o porco, entre outros.

A forma de inferiorização é excluírem o estudo da história dos povos africanos, bem como a luta dos negros na sociedade brasileira, a cultura negra é apresentada nos rituais pe-

dagógicos apenas na "semana do folclore".

Segundo Triumpho (1991), a cultura negra se expressa na escola pelo olhar da cultura dominante, que só apresenta seus aspectos exteriores e superficiais. Não se fala dos rituais e seus significados, não se fala dos valores da cultura negra, não se passa a visão do mundo, a visão do ser, a visão da vida, a visão da natureza. Na verdade, a cultura negra é, neste ritual, banalizada e apresentada como manifestações do passado, como algo estático, nostálgico e distante.

6.3 - O BAIXO RENDIMENTO E OS FRACASSOS ESCOLARES

Afirma-se que o Brasil é um país sem preconceito, mas esse discurso igualitário, originário das elites dominantes, serve, na verdade, para impedir a integração das crianças negras e sua ascensão sócio-educacional. O preconceito discriminatório que as crianças negras encontram no interior das escolas públicas é claramente percebido como fator de evasão escolar. Parece não ser só o fator sócio-econômico que conta, mas o aspecto subjetivo, a violência psicológica nas escolas, que não pode ser ignorado.

O sistema escolar interpõe à criança negra uma trajetória escolar mais difícil que a trajetória das crianças brancas, sendo destacável a persistência desse segmento da população na procura de níveis melhores na sociedade.

A não-identificação que a criança negra tem com o sis-

tema de ensino, em que ela não conseguiu a igualdade racial no âmbito escolar é que aumenta a cada dia mais a reprovação e a evasão escolar.

Outro ponto é a trajetória escolar da criança negra, que além de ser curta com frequentes interrupções temporárias ou definitivas, para o trabalho, estes apresentam a defasagem ou atraso escolar, que muitas vezes é intra-escolar.

As escolas que atendem às crianças negras pobres e carentes são também pobres e carentes, geralmente fornecem um cruso precário, o índice de reprovação é sempre maior e a evasão gritante.

Mas, nem por isso a escola seleciona a clientela de maneira homogênea. Quando a clientela é heterôgenea, ela classificará por outros mecanismos.

A criança negra e pobre tem sua imagem carregada de pessimismo nas escolas públicas do Rio de Janeiro. A não ser que se faça um grande esforço, tudo concorrerá contra o seu bom desempenho. A escola rotula com boa imagem uma turma tida pela instituição como padrão a ser seguido. Essa será criticada e rejeitada pelos demais alunos, que rotulam esses colegas de "chatos" e "metidos" (no sentido de esnobes). Esses alunos são vistos de maneira mais otimista e são de nível social um pouco mais elevado e a maioria da turma é de cor branca.

O aluno negro, em sua "fala", assume a responsabilidade do fracasso escolar, a inúmeras repetências devem-se a "malandragem" que colocam com orgulho. Contudo, a criança tem raiva

da escola por não conseguir se identificar com o sistema educacional e muitas desejam abandonar o estudo para entrar no campo de trabalho.

Quando o aluno negro percebe que o ensino padrão não é direcionado para ele, que não há um reflexo entre o real do seu dia-a-dia com a prática pedagógica, e não encontra um ponto de apoio na escola, ela acaba se marginalizando dentro do sistema como uma forma de resistência do seu "eu" que não é percebido no sistema escolar.

As crianças negras saem da escola, mas levam consigo a marca da humilhação e do fracasso. Saem convencidas de que fracassaram porque são menos bem dotadas, menos inteligentes e capazes do que as outras crianças.

6.4 - AS DIFICULDADES DE ASCENSAO SOCIAL

Se o negro no Brasil não for caracterizado apenas por seus atributos externos, ou seja, pele negra, cabelo carapinhado e traços físicos faciais pronunciados, veremos que ele representa a maioria da população brasileira, sem procurar raízes genéticas. No nosso caso, basta olhar para os "pardos" e aí esta a nação brasileira-afro-negra identificada como branca, pelos muitos que introjetaram uma identidade étnica-racial fracionada pelas cores e tons.

O fato de negros terem de provar a todo instante que são os melhores, pode ser analisado a partir de múltiplos as-

pectos. E como todos os momentos de vida se relacionam, isso parece muito claro, pelas dificuldades enfrentadas pelo negro no processo de seleção no mercado de trabalho. Grande parte dos negros no país está desempregada ou subempregada ou ainda, vivem de pequenos bicos que permitem a sobrevivência de muitos negros e suas famílias.

Muitas vezes se ouve: "Ah! mas é porque eles não estudaram". Essa afirmação pode até ser verdadeira, porém só parcialmente. O porquê da falta de estudo é um ponto importante, mas não tudo.

Segundo Lopes (1987), as relações desiguais presentes na sociedade ocupam todo o espaço, até mesmo o escolar. O preconceito e a discriminação racial podem ser notados na relação pessoal.

As crianças negras, muitas vezes, ficam isoladas numa sala de aula. A inocência infantil geralmente é perdida com a interferência dos adultos que cultuam idéias negativas sobre os negros na cabecinha dos filhos.

"- Não quero que você brinque com aquela menina de cor.

Eles não cheiram muito bem".

São muitos os exemplos de criança negra rejeitada por seus coleguinhas brancos e negros e voltam para casa tristonhos e perguntam a seus pais o motivo dessa atitude.

E difícil para os pais explicar que essa atitude é errada e que não há nenhum problema em ser negro. Qualquer que seja a explicação, ela não vai impedir que novas situações se-

melhantes aconteçam. Eles devem saber que a atitude preconceituosa é discriminatória das crianças brancas e negras para com os negros não partem da própria cabecinha delas.

Como também professores que presenciam cenas em que alunos negros são rejeitados e discriminados pelos colegas brancos e negros e não tomam nenhuma providencia. E cada vez mais vão sendo reforçados tipos de comportamento como esse, que passam a ser vistos como naturais. O que não é visto ou encarado como errado passa a ser considerado correto.

Se a maioria dos negros está desempregada ou subempregada, como garantir uma boa alimentação? Como comprar o material escolar? Como serão as condições de moradia?

Muitas crianças negras são obrigadas a deixar cedo a escola para ajudar no orçamento familiar que está cobrando dele sua contribuição em casa.

Mas, acima de tudo, existem negros que ascendem socialmente via escolarização. Aos trancos e barrancos, muitos conseguiram e conseguem chegar à Universidade. Com isso, galgam alguns degraus da hierarquia social.

6.5 - O FRACO PODER POLITICO DOS NEGROS

Desde a escravidão, foi intenso o processo de miscigenação ocorrido no Brasil. Do cruzamento de branco, negro e índio foi surgindo um grupo mestiço (mulato, caboclo e cafuso) bastante expressivo. A que raça pertence esse grupo?

Quando procura valorizar a cultura negra, ninguém se considera realmente negro, a maioria se diz moreno ou moreno escuro. Quando o negro pretende eleger politicamente seus representantes, a coisa é ainda mais difícil. Porém, se acreditarmos que o racismo é um problema político e que isso tem resolução, estaremos sonhando.

Sabendo que a cor negra do político não é garantia para a sua eleição, mas é importante que tenha um representante político negro.

Além das dificuldades de ser negro, os candidatos negros enfrentam outros obstáculos, como falta de condições financeiras, a resistência do partido, a inexperiência partidária, a desvinculação racial e o descrédito dos candidatos.

Na política, o negro geralmente é usado como massa de manobra, e só serve para votar.

Por enquanto, o melhor que o negro pode fazer é se tornar forte, deixar de ser branco e tornar-se negro, para que tenha uma unanimidade e uma representação significativa.

O movimento negro, pensa hoje na problemática negra como problemática nacional e de âmbito mundial. Mas só terá o verdadeiro valor quando todos, negros, mulatos, mestiços, morenos tomarem consciência da origem africana de sua cor de pele.

CAPITULO VII: CONCLUSAO

Este capítulo comenta a formação precária que é oferecida a professores, orientadores e alunos que convivem com o processo de consolidação do auto-conceito negativo da criança negra direta e indiretamente, por meio da família, comunidade, mídia e escola.

No Brasil, o racismo passou por diversos momentos históricos. Inicialmente, a utilização da mão-de-obra escrava encontrou justificativas teóricas e científicas que considerava o negro como ser "inferior", carente de civilização e proteção religiosa. Quando a escravidão passou a ser obstáculo ao desenvolvimento econômico, esta caiu, mas a ideologia de inferioridade que mantinha o negro submetido continuou firme na mentalidade social daquela época e de outras que a sucederam.

Os ideólogos, então, passaram a desqualificar o negro, julgando-o incapaz de ingressar no processo de construção da nação brasileira. A abolição da escravatura deu-se de modo perverso, já que não foi acompanhada de ações político-sociais que integrassem o negro ao sistema sócio-econômico do País.

No decorrer dos anos 30, a conjuntura política nacional e internacional, embutida nos ideais totalitários, reforçou, ainda mais, o auto-conceito negativo, consolidando estereótipos que vinham sendo construídos desde o período colonial. Valorizava-se, então, a sociedade branca e homogênea, única e totali-

taria, sem diferenças de natureza social, étnica e religiosa.

O darwinismo influenciou profundamente a sociedade brasileira e significou uma barreira à integração e promoção social do negro. O sistema de banqueamento exigia uma identificação corpórea do sujeito com a Pátria.

Ora, sendo a educação parte da totalidade social e tendo um sentido político em si, é natural que espelhe os mecanismos produzidos nas relações existentes no sistema político, econômico e social. Essas relações são contraditórias e também contraditoriamente se manifestam-se no interior do espaço escolar. A escola, parte integrante do tecido social, formado em moldes autoritários, transmite, através de seus conteúdos programáticos e rituais, o auto-conceito negativo, que são ideais ditos "democráticos" de homogeneidade e dissenso.

Certamente, o auto-conceito negativo ocorre no momento em que a classe dominante, nega o negro e sua cultura, contribuindo para o seu submetimento, e o vincula ao coletivo, indiferenciando-o do mundo exterior e bloqueando seu processo de cidadania.

Enquanto a escola contribuir para a hegemonia da cultura dominante e não perceber a resistência (esta quando não se dá de maneira consciente) acaba por reforçar a dominação, como é o caso do aluno, que resiste ao sistema educacional, incorporando-o por acomodação ou afastando-se dele e incorporando os mecanismos de exclusão adotados pelo sistema. A resistência, quando organizada e consciente, surge em forma de crítica cons-

trutiva e luta pela integração e participação do negro no sistema educacional.

Conclui-se aqui que, de modo geral, a escola em vez de se encarregar da promoção social do negro, apresenta-o em sala de aula que o traz como folclore, impedindo e dificultando a sua integração e contribuição social. Para alterar esse quadro seria fundamental que ocorressem mudanças concretas no sistema educacional, e adotassem algumas medidas:

A construção de um novo projeto pedagógico que não fosse etnocêntrico, que respeitasse o caráter multiracial e plural da sociedade, do povo negro e sua participação no processo civilizatório da nação brasileira.

A realização de um diagnóstico que elevasse a auto-estima, mostrando a beleza negra, ou pontos positivos na história para o alunado negro.

A revisão do livro didático e de todo o material pedagógico utilizado. A reciclagem do professorado e a discussão do auto-conceito negativo que as crianças negras trazem consigo (não todas), com todo corpo de funcionários da escola.

A promoção de reuniões, debates, seminários e eventos sobre a questão do negro na sociedade de modo a conscientizar a escola e a comunidade para as mudanças a serem adotadas.

Acredita-se que um projeto político, social e econômico dessa natureza, aliado aos movimentos sociais dos negros, poderá promover e valorizar a cultura negra e o "ser negro" num sentido humanista de minimizar a violência decorrida frente ao

processo de inferiorização contra a criança negra. Caso contrário, estas continuarão sendo exercidas sutilmente, no cotidiano escolar, em forma de poder invisível, que tenta identificá-lo com a beleza e a cultura brancas, contra a sua própria vontade.

CAPITULO VIII: BIBLIOGRAFIA

BOURDIEU, Pierre & PASSERON, Jean Claude. A reprodução: elementos de uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

BRASIL EM NUMEROS. IBGE. Rio de Janeiro, 1992.

CARDOSO, Fernando Henrique. Escravidão e Capitalismo no Brasil Meridional. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1962.

_____. Escravidão e Capitalismo no Brasil Meridional: O Negro na Sociedade do Rio Grande do Sul. 2a. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

COUTINHO, José Maria. O Darwinismo Social e o Negro Brasileiro, in PAS, Verônica da. Seminário Internacional da Escravidão. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1992.

_____. Uma História da Educação no Espírito Santo. Vitória: DEC-UFES, 1993.

ESTATISTICAS HISTORICAS DO BRASIL. IBGE. Rio de Janeiro, 1990. 3a. edição.

FIGUEIRA, Vera Moreira. O preconceito racial na escola. Rio de Janeiro: Estudos Afro-Asiáticos, 1990.

FREITAG, B. Escola, Estado e Sociedade. São Paulo: Moraes, 1980.

GONÇALVES, Luiz Alberto de Oliveira. O silêncio, um ritual pedagógico. Belo Horizonte, UFMG, 1985 (Dissertação de Mestrado em Educação).

HASENBALG, Carlos & SILVA, Nelson do Valle. Raça e Oportunidades Educacionais. Rio de Janeiro: Estudos Afro-Asiáticos, 1990 (18).

- IANNI, O. Raças e Classes Sociais no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.
- LOPES, Helena Theodoro. Negro e cultura no Brasil. Rio de Janeiro, 1987.
- NASCIMENTO, Abdias. O Genocídio do Negro Brasileiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- _____. O Quilombismo. Petrópolis: Vozes, 1985.
- NEGRAO, Esmeralda. A discriminação racial em livros didáticos e infante juvenil. Cadernos de Pesquisa. São Paulo, 1987.
- NOSELLA, Maria de Lourdes Chagas. As belas mentiras: as ideologias subjacentes aos textos didáticos. São Paulo: Moraes, 1981.
- IBGE/UNICEF. Perfil Estatístico de crianças negras. Rio de Janeiro, 1990, Vol. I e II.
- RELATORIO DO I Fórum Estadual sobre Ensino da História das Civilizações Africanas na Escola Pública. Rio de Janeiro, junho-agosto de 1991.
- RELATORIO sobre Extermínio de Crianças e Adolescentes no Brasil em 1993. Rio de Janeiro: Cedom/ Ceap, 1993 (MIMEO).
- RIBEIRO, Sérgio Costa. A pedagogia da Repetência. Rio de Janeiro: LNCC, 1990. (MIMEO)
- _____. A questão do negro na sala de aula. São Paulo: Atica, 1990.
- SANTOS, Joel Rufino. O que é racismo? 10a. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- SILVA, Nelson do Valle & HASENBALG, Carlos. Família, Cor e Acesso a escola no Brasil. Rio de Janeiro: LNCC/CNPq, 1992.

SODRE, Muniz. A Verdade Seduzida. Rio de Janeiro: Codecri, 1983.

SOUZA, Neusa dos Santos. Tornar-se Negro. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

TRINDADE, Azoilda Loretto. O racismo no cotidiano escolar. Rio de Janeiro: IESAI - FGV/RJ, 1994 (Dissertação de Mestrado em Educação).

TRIUMPHO, Vera. Aspectos da Negritude. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1991.

TURNER, Bryan. Equality. New York: Tavistock Publications, 1986.

VALENTE, Ana Lúcia E.F. Ser Negro no Brasil Hoje. São Paulo: Moderna, 1987.